

A LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: TEORIA E PRÁTICA NA APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

Francisco Ebson Gomes-Sousa (1); João Batista Neves Ferreira (2); Vicente de Lima-Neto (4)

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: ebsongomess@gmail.com

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: joaob.libras@ufersa.edu.br

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: vicente.neto@ufersa.edu.br

Resumo: A Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, é reconhecida como língua através da Lei nº 10.436/02 como também é regulamentada pelo decreto nº 5.626/05 sendo um dos princípios basilares o ensino dessa língua nos cursos de formação docente. Tal regulamentação fez com que nas instituições de ensino superior fossem implementadas as disciplinas de Libras de forma obrigatória para as licenciaturas e como componente optativo para os demais cursos. Dessa forma, o presente trabalho visa apresentar um quadro da disciplina de Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no que se apresentam a sua ementa, conteúdos e didatização do professor na aprendizagem da língua pelos alunos. Para atingir esse objetivo, fizemos uso de análise documental da ementa e conseqüentemente dos conteúdos, como também observações das aulas do professor. Amparamo-nos nas teorias de aprendizagem de Libras como segunda língua de Quadros (2004) e Gesser (2010), bem como fundamentamo-nos na legislação referente ao uso e ensino da língua. Percebe-se com o trabalho, que o componente curricular é bastante voltado para a comunicação e percepção visual dos alunos, seus conteúdos mostram-se básicos neste momento voltados a problematização de questões de inclusão da pessoa surda e desmistificação da língua de sinais tendo uma abordagem até um pouco linguística. Percebemos que é um componente bastante requisitado mesmo por alunos de outros cursos além das licenciaturas, tais como engenharia e bacharelado em ciência e tecnologia, sendo um passo importantíssimo na promoção da língua e conseqüentemente menos barreiras comunicacionais para as pessoas surdas em nosso ambiente. Isto posto, fica evidente a necessidade de elaboração de diretrizes curriculares para o ensino de Libras na educação básica e no ensino superior principalmente, pois este segundo em sua maioria (no que tange aos professores) volta a lecionar na educação básica, e darmos provimentos para que esta melhore, é imprescindível.

Palavras-chave: LIBRAS, Ensino Superior, Aprendizagem de segunda língua, Professor surdo, Alunos ouvintes.

1. INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida como língua da comunidade surda brasileira através da lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002. Tal reconhecimento se mostra como um grande avanço na conquista de direitos na vertente linguística como também na ordem social quando percebemos a valorização de uma língua e cultura da comunidade surda pelas próprias pessoas surdas como também por pessoas ouvintes.

As formas de inclusão e valorização dessa língua mostram-se como ferramentas necessárias não apenas para a comunicabilidade das pessoas surdas, mas também uma forma de inclusão e compreensão de uma sociedade para todos. Ao contrário do que muitos ainda pensam em relação a essa língua, que é visual-espacial, a mesma constitui-se como língua como muito bem nos apresenta Stokoe, ao falar que a “que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua

genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.” (STOKOE, 1978).

Após essa luta por reconhecimento, a Lei da Libras, como é popularmente conhecida, trouxe consigo a sua regulamentação promovida pelo decreto nº5.626 de 22 de Dezembro de 2005. O documento traz consigo alguns pontos relevantes tais como a inclusão da Libras como disciplina curricular; a formação do professor e do tradutor/intérprete; do acesso à educação das pessoas surdas de maneira geral.

Dessa forma, discutirmos a promoção desses mecanismos conquistados pela comunidade surda e os movimentos de inclusão, são mais que significativos. Portanto, nosso objetivo centra-se em apresentar um quadro da disciplina de Libras no ensino superior, mais precisamente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no que se apresentam a sua ementa, conteúdos e didatização do professor na aprendizagem da língua pelos alunos.

Para atingir esse objetivo, fizemos uso de análise documental da ementa e conseqüentemente dos conteúdos, como também observações das aulas do professor. Amparamo-nos nas teorias de aprendizagem de LIBRAS como segunda língua de Quadros (2004) e Gesser (2006, 2007, 2010), bem como fundamentamo-nos na legislação referente ao uso e ensino da língua.

2. A DIFUSÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

No estudo do decreto nº 5.626 de 2005 podemos perceber uma série de regulamentações que dão orientações para o uso, difusão e visibilidade da LIBRAS, como são apresentados nos artigos 3º e 9º como apresentamos a seguir:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como **disciplina curricular obrigatória** nos **cursos de formação de professores** para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

(...)

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e **as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular**, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;

II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;

III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e

IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

(BRASIL, 2005, grifos nossos).



Os artigos apresentados no decreto nos mostram e asseguram o acesso ao conhecimento da Libras nos cursos de fonoaudiologia e também nos cursos de formação de professores. Assim, percebemos pelos grifos que fizemos que as instituições de ensino superior devem tomar providências para se adequar a essa legislação, adaptando seus projetos pedagógicos na inserção da disciplina de Libras tendo o prazo máximo de dez anos para essa adaptação assim como ter a presença do professor no ensino da língua.

Com essa legislação assim como a lei 10.436 de 2002 percebeu-se a necessidade de serem criados cursos que oferecessem formação especializada para o ensino da Libras, antes disso era requerido uma espécie de formação técnica, que não garantia a especificidade do ensino da língua dos que atuavam e atuam nesse ensino em sua perspectiva de ensino em segunda língua.

Dessa forma, no ano de 2006, houve marcos no ensino, uso e difusão da Libras, pois neste ano houve um dos cumprimentos da lei supracitada, que foi a criação do exame ProLibras que em conjunto com o Ministério de Educação tinham o propósito de reconhecer e certificar os profissionais para ensinar e traduzir a Libras, uma espécie de selo de garantia com esse propósito.

Percebemos que o ProLibras que servia para “certificar profissionais para participarem dos processos de inclusão dos surdos brasileiros. À medida que contarmos com a formação de profissionais para atuarem nessas áreas, a certificação terá cumprido seu papel” (QUADROS et al, 2009, p. 22), mesmo sendo este exame um marco para o ensino da Libras, este está quase no seu fim, e mesmo assim, não substitui a formação necessária para atuação da docência da língua.

No mesmo ano de criação do ProLibras, houve a criação do curso de Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que foi realizado com dezoito outras instituições superiores, e depois de dois anos, em 2008 foi criado o curso de Bacharelado em Letras Libras, assim criando a licenciatura (2006) para a formação de professores de Libras e o bacharelado (2008) para a formação de tradutores habilitados na tradução Libras-Português e vice-versa.

Ainda vivenciamos obscuridades quando se trata da contratação do professor de Libras, por que ao mesmo tempo temos na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) um perfil no decreto encontramos outro, mas que percebemos que ainda estão em processo de construção, que podemos perceber na pesquisa de Tavares e Carvalho (2010) ao falar:

No que se refere à formação ou titulação do candidato ao cargo de professor da disciplina Libras, as instituições pesquisadas parecem não ter clareza acerca da qualificação mais adequada para o provimento desse cargo. Nos dez editais analisados, se apresentam doze perfis distintos, que vão desde a simples exigência de graduação, em qualquer

área, passando pela pesquisa e experiência docente em Libras, até o mestrado nessa área (TAVARES; CARVALHO, 2010, p. 9).

Assim, o olhar sobre a formação nesta pesquisa é também muito importante para entendermos o processo de uso, difusão e ensino da Libras no cenário socioeducacional. Portanto, no próximo tópico abordaremos sobre a disciplina de Libras e o professor ministrante.

3. METODOLOGIA

A pesquisa em que nos propomos a fazer tem uma abordagem descritiva e exploratória. Estamos focando nessa pesquisa na disciplina de Libras ministrada por um professor surdo na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) foi analisada uma turma da disciplina de Introdução a LIBRAS, que tinham alunos dos cursos de Licenciatura em Letras Libras, Bacharelado em Ciência e Tecnologia e Engenharia Mecânica.

Para atingirmos nossos objetivos fizemos uso de uma pesquisa de análise documental da ementa¹ e conseqüentemente dos conteúdos ministrados pelo professor, como também em uma segunda parte apresentamos observações sobre as aulas do professor. Dessa forma, dividimos nossa pesquisa em duas partes: (1) a primeira será destinada à análise da ementa da disciplina e conteúdos ministrados pelo professor e; (2) a segunda será focada nas observações do professor em 6 aulas observadas. Apresentaremos na próxima seção como identificamos e apresentados os resultados encontrados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa se deu por meio da análise documental da ementa e conseqüentemente dos conteúdos ministrados pelo professor na disciplina de “Introdução a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” que é ofertada na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, e com essa pesquisa nos propomos a discutir sobre o ensino de Libras no ensino superior levando em conta a teoria e prática na aprendizagem de segunda língua, no caso dos ouvintes na aprendizagem da Libras.

¹ No âmbito da Educação, a ementa é comumente entendida como relação de tópicos em programas de ensino. No entanto, é de estranhar uma concepção de tal natureza, pois, partindo-se do pressuposto que todo plano de ensino deva conter ao menos o conteúdo programático, os objetivos, e o *modus operandi* (metodologia de ensino e avaliação) da disciplina, deveria a ementa, enquanto síntese, permitir a efetiva visualização de tais aspectos (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Para isso, fizemos uso dessa metodologia de pesquisa conforme descrita na seção acima e aqui será apresentada e discutida em suas partes: (1) a primeira tratamos sobre o ensino de Libras e o que expressa no documento basilar da disciplina que é a ementa e; na (2) parte tratamos da observação da prática do professor surdo em sala e como o mesmo administra esse momento de aprendizagem para os alunos em sua maioria ouvintes e de diferentes cursos.

4.1. Ementa e seus conteúdos

A ementa de uma disciplina tem por objetivo apresentar uma descrição do conteúdo ou processos da disciplina. As ementas “devem apresentar tópicos essenciais da matéria sob a forma de frases nominais e deve ser redigida em texto contínuo, e não em tópicos, permitindo a visualização da disciplina no seu todo” (LEMOS; CHAVES, 2012). Este documento deve ser entregue para os alunos no começo das aulas, e ao perguntarmos ao professor regente se o mesmo o havia feito, a resposta foi positiva em relação a isso.

O Programa Geral da Disciplina (PGD) pode ser consultado pelo público geral no próprio site da instituição de ensino, em geral ela apresenta algumas características, tais como: denominação, carga horária, especificidade do seu caráter (prática, teórica, ou teórico-prática), pré-requisitos para os alunos, objetivo, ementa, conteúdo programático, métodos (técnicas, recursos didáticos e instrumentos de avaliação), referências obrigatórias e complementares e aprovação pelo conselho pertinente da instituição.

A disciplina em questão tem a carga horária de 60h (sessenta horas) com aulas teórico-práticas, e a mesma não possui pré-requisitos para cursá-la, sendo assim, é explicado o porque ter na disciplina matriculados alunos de outros cursos sem ser o de Licenciatura em Letras Libras. A disciplina como expressa o seu PGD, tem por objetivo “iniciar os primeiros passos no estudo da Língua Brasileira de Sinais, desmistificando fatos e ampliando a visão para novos conhecimentos. Reconhecer a LIBRAS como forma de expressão da comunidade surda” (UFERSA, 2015).

E possui como ementa os seguintes pontos:

1. Relação Libras/Português;
2. Sistema de transcrição para a Libras;
3. Ética nas questões de interpretação;
4. O trabalho com a língua sinalizada;
5. O trabalho com a escrita de sinais;
6. Leitura e escrita de sinais.
7. Prática de Libras: alfabeto, números, semanas, calendário, cores, vocábulos iniciais, sinais de nome. (UFERSA, 2015)

Quando partimos para os conteúdos da disciplina, percebemos certa disparidade com o que é apresentado na ementa, tendo em vista que a ementa fala, por exemplo, de ética nas questões de interpretação e leitura e escrita de sinais, sendo que o programa de conteúdos expressa um foco mais nos itens de teoria e prática da língua e de conhecimento da comunidade surda e todos os seus artefatos culturais.

Dessa forma os conteúdos são apresentados em três blocos de ensino, que seriam correspondentes a unidades como podemos ver na tabela abaixo:

Unidade	Conteúdo	Carga Horária		
		Teórica	Prática	Teórico-prática
1	1.1 A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; 1.2 Alfabetos Manuais x Datilologia; 1.3 Sinais de nome e Nomes Próprios; 1.4 As saudações e os Cumprimentos; 1.5 Surdos e D.A. (Deficiente auditivo); 1.6 Numerais cardinais e Quantidades; 1.7 Sistemas de Transcrição para a LIBRAS; 1.8 Parâmetros da LIBRAS.	-	-	20h
2	2.1 Comunidades Surdas; 2.2 Culturas Surdas; 2.3 Ambientes escolares e disciplinas; 2.4 Família/Pronomes Pessoais e Demonstrativos; 2.5 Histórias dos Surdos no mundo; 2.6 Educações de Surdos no Brasil; 2.7 Indicadores temporais; advérbio de tempo/dias da semana.	-	-	20h
3	3.1 Legislações: Reconhecimento da LIBRAS, inclusão, acessibilidade, pessoa surda; 3.2 Sinais de Profissões; 3.3 FENEIS; 3.4 Acessibilidade; 3.5 Tipos de frases na LIBRAS; 3.6 Os pares mínimos da LIBRAS; 3.7 Verbos Classificadores; 3.8 Tipos de Verbos da LIBRAS; 3.9 Role Play na LIBRAS.	-	-	20h
-	TOTAL	-	-	60h

Tabela 1: Conteúdos da disciplina de “Introdução a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)”

Percebemos que a primeira unidade os conteúdos são voltados a uma abordagem bem basilar sobre a língua de sinais, a percepção do ser surdo e vocabulário em Libras, nas observações que fizemos (serão apresentados a seguir no item 4.2 sobre as observações em sala de aula) podemos constatar que os mesmos são trabalhados de forma diferenciada quando se trata no ensino de segunda língua, tendo em vista que a maioria dos alunos (ouvintes) já tem sua língua materna, no

caso o português, então são usados artifícios para que os mesmos possam imergir culturalmente na língua e cultura surda e o professor faz diversas estratégias para isso, que serão melhor explanadas no item que trata sobre as nossas observações.

Geralmente a disciplina é ofertada no primeiro semestre para os cursos de licenciatura da instituição pesquisada, porém, para os outros cursos da instituição é permitido que se inscrevam sem nenhum pré-requisito ou tempo, já que enquadra-se como uma disciplina eletiva² para os cursos que não são licenciatura, como é o caso do curso de bacharelado em Ciência e Tecnologia e os cursos de engenharias, tratando-se de disciplinas eletivas generalistas.

A segunda unidade pelos conteúdos, podemos perceber que a mesma dá um aprofundamento no que se trata a compreensão da conjuntura geral da comunidade surda, da cultura surda, trajetória da educação de surdos e claramente, vocabulário em Libras. Vale salientar que o vocabulário é deveras trabalhado nas aulas, tendo em vista que as aulas são ministradas pelo professor surdo em Libras sem o apoio de tradutores intérpretes de Libras-Língua Portuguesa, porém, com as estratégias do professor regente isso não é um fator de falha de comunicação, e sim uma forma de os alunos imergirem na cultura também do professor surdo.

A terceira e última unidade traz um caráter político assim como a segunda trouxe quando fala sobre a comunidade surda e a educação de surdos, tendo em vista que nesta unidade, trazem aspectos da lei que reconhece a Libras como uma língua oficial aqui em nosso país, questões sobre a luta da comunidade surda que dizem respeito também a esse caráter político, como um maior aprofundamento na gramática da Libras quando se propõe a estudar sobre os tipos de frases na Libras, pares mínimos³, classificadores⁴, verbos e técnicas de sinalização, como o role-play⁵.

² Disciplinas eletivas são disciplinas que não obrigatoriamente são voltadas ao seu curso, seriam uma formação diversa e complementar que podem ser de dois aspectos: disciplinas eletivas generalistas, como o caso da LIBRAS para alunos das engenharias, não é uma obrigação pronta para a sua formação; e as disciplinas eletivas específicas, como é o caso da disciplina de resistência de materiais I para um aluno de engenharia civil. Dessa forma, os cursos da UFERSA exigem determinada carga horária de disciplinas nesse padrão, que ficam a critério do aluno qual pagar, mas que são obrigatórias a carga horária delas para a conclusão.

³ As formas fonológicas das palavras são idênticas em tudo, exceto em uma característica específica. Por exemplo, em português BALA e PALA. Os sons iniciais de cada uma destas palavras são distintivos, pois mudam o significado da palavra. Assim, /b/ e /p/ são fonemas do português que se diferenciam somente pela sonoridade. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009) E no caso da Libras seriam a proximidade de configurações de mãos e/ou movimentos.

⁴ Os classificadores desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados. (PIMENTA e QUADROS, p.71, 2006).

⁵ Role-play é um recurso frequentemente usado na Libras durante o desenvolvimento de uma narrativa. O sinalizador assume a posição dos personagens referidos na narrativa, alternando com cada um deles em situações de diálogo ou ação. Essa mudança de papéis e de posição dos personagens referidos possibilita, ao interactante, melhor definição dos personagens na narrativa, facilitando, com isso, a compreensão dos fatos. (DIAS JUNIOR; SOUSA, 2017)

Apresentaremos a seguir a seção que fala sobre as nossas observações nas aulas da disciplina para percebermos como acontece esse aprendizado de segunda língua, no caso dos ouvintes na aprendizagem da língua de sinais.

4.2. Observações das aulas de Libras

Nesta seção pretendemos apresentar nossas reflexões sobre as observações feitas na aula do professor de Libras na disciplina de “Introdução à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” da UFERSA. Escolhemos a observação como metodologia de pesquisa, tendo em vista que esta nos permite assistir a interação entre o professor e alunos no momento em que ela acontece. Dessa forma fomos a campo para vermos como se dava o processo de ensino-aprendizagem de LIBRAS como segunda língua para os alunos ouvintes na sala de aula.

Dessa forma, a nossa observação se deu em 10 aulas da disciplina de Introdução a “Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” que são ministradas nas segundas e terças-feiras, e fizemos a escolha de participarmos nas aulas das terças-feiras. Apresentaremos aqui nossas reflexões sobre as metodologias usadas em sala pelo professor como também o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

O cronograma das aulas se deu da seguinte forma:

Dia de Observação	Aula
01	Aula Inaugural. Boas vindas aos alunos e conteúdo programático. Dicas a dinâmica da disciplina. O que é Libras? Em todos os países existe a Libras? Como os sinais são formados.
02	Alfabeto Manual x Datilologia em Libras. Espaço de Sinalização. Conversão.
03	Dinâmica em Libras - Datilologia; Quem é? Pessoas famosas e seus sinais.
04	Numerais: Cardinais, Ordinais e Quantidades em Libras. Material de Escolares em Libras.
05	Indicadores temporais; advérbio de tempo/dias da semana.
06	Os Cincos Parâmetros da LIBRAS.
07	Jogo de memória: Configuração das Mãos da língua de sinais
08	Pronomes: Pessoais, Demonstrativos e Possessivos em LIBRAS contextos em frase.
09	Sinais para Profissão em Libras.
10	Sinais para Animais e Cores em Libras

Tabela 2: Dias de observação e temas das aulas observadas.

Na tabela acima, podemos ver como se deu a organização das aulas ministradas pelo professor surdo de Libras, e apresentaremos agora algumas reflexões sobre o que entrevemos nesses

dez dias de observação. Vale salientar que as aulas eram totalmente ministradas em Libras, inclusive pelo professor ser surdo, como também ter na sala alunos surdos. A disciplina era ministrada em duas aulas⁶ nas segundas e terças-feiras.

A primeira aula (01) que observamos coincidiu com a aula inaugural dos alunos, sendo apresentado o professor, como seria a disciplina e conteúdo programático, como já havíamos relatado na primeira parte de nossa pesquisa (4.1), então o professor sempre fazia uso da experiência dos alunos, em perceber para os alunos ouvintes, por exemplo, já tinham conhecimento da Língua Portuguesa, então a datilologia junto com a escrita no quadro ajudava na percepção dos vocábulos novos em língua de sinais.

Podemos perceber uma continuidade com o que já havia sido aprendido na primeira aula quando observamos a segunda (02) tendo em vista que o professor usava os vocábulos que os alunos já conheciam para dar novos vocábulos, seria assim uma das estratégias utilizadas pelo professor para dar mais insumos linguísticos para os alunos ouvintes em sala. Vale lembrar que os alunos surdos em sala influenciam positivamente nesse processo por que a partir da tentativa de quererem se comunicar com os colegas de sala, requerem mais e mais vocábulos para ajudar nessa comunicação.

Como também percebemos que o professor sempre faz atividades em grupo, atividades que mexem não apenas com a aprendizagem de uma língua, mas também com o lúdico, com a piada, teatro e muitos outros. Assim reconhecemos na terceira aula (03) como o professor precisa usar de vários mecanismos didático-pedagógicos para que os alunos, principalmente ouvintes, compreendam o que está sendo visto como também ajuda-los no processo de desenvolvimento da percepção visual.

A aula usava o que havia sido aprendido nas duas últimas e com essa atual era visto novos conteúdos, como é o caso do sinal dos famosos. O professor usava em demasia o teatro para que os alunos entendam e as interações são muito fortes, os alunos gostam desse tipo de metodologia e percebemos que passam a incorporar a identidade surda quando passam por diversas aulas, revelando assim o quão importante é ter esse contato com a cultura surda.

Na quarta (04) observação, a aula foi com foco nos números e materiais escolares em Libras, e para isso o professor usou de dinâmicas para auxiliar os alunos, promovendo que eles pudessem elaborar pequenos diálogos entre os grupos e os alunos surdos em sala (que são em sua totalidade quatro) foram distribuídos para os respectivos grupos para auxiliar nessa atividade. Sublinhamos

⁶ As aulas na instituição pesquisada são equivalentes a 50 min cada.

que nessa atividade, alguns alunos ouvintes se preocupavam com o entendimento dos colegas surdos, o que pode ser também um fator de não compreensão do professor, que também é surdo.

O mais interessante é que tanto nessa aula como a quinta (05) e posteriores os alunos ouvintes em sua maioria traduzem os sinais e explicam as orientações para os outros colegas em sala, mostra-se aí um processo de interdependência entre os alunos e o professor, por termos alunos que já usam a língua de sinais como segunda língua, extra-sala. O professor sempre revisa o que foi aprendido com os alunos após a apresentação dos mesmos, o que se viu na quinta aula e na maioria das posteriores que há sempre uma dinamização dos conteúdos, e é priorizado a linguagem visual e o lúdico com os alunos.

A sexta observação da sexta aula (06) percebemos que mesmo o professor dando o conteúdo em sala de aula presencial, sempre haviam atividades ou vídeos complementares no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) explicando sobre as temáticas passadas, sejam em explicação, vocabulário e outros gêneros. Assim, nesse dia, após os alunos terem visto em casa vídeos explicativos sobre o assunto, o professor fez a aula com desafios dividindo em grupos a sala e o professor e monitor presente estavam sinalizando as perguntas e os alunos com seus respectivos representantes respondendo esses questionamentos, que envolviam desde aspectos formais da língua de sinais ou mesmo sobre a cultura e identidade surda.

Na sétima (07) aula observada mais uma vez o professor usa do lúdico para envolver os alunos utilizando um jogo da memória para trabalhar as configurações de mãos na língua de sinais, o mais interessante disso que é uma estratégia plausível, pois ao mesmo tempo em que se percebe o conteúdo, se usa os sinais aprendidos até então e ainda mais nessa vertente lúdica, assim, os alunos aprendem muito mais efetivamente.

A oitava (08), nona (09) e décima (10) aulas observadas o professor faz uso de teatro e quando se utiliza de algum sinal que os alunos não conhecem, já há uma interação nas mais diversas competências comunicativas que se seguem, assim, proporcionando o real objetivo da disciplina que é de dar provimentos para que os alunos consigam compreender e se comunicar com surdos.

A aula de pronomes foi contextualizada com frases, isso podemos ver que ajudou muito aos alunos na aprendizagem e comunicação em Libras, pois dá melhores compreensões do que se trata a gramática da língua de sinais que os alunos a incorporam de maneira natural nessa prática de diálogos e demais práticas orais⁷.

⁷ Compreendemos aqui a oralidade para além do som, por tanto, compreendemos oral pela produção espontânea dos indivíduos.

No que se trata da aula de profissões, podemos ver que o professor foi além da aula palavra-sinal⁸, e deu para os alunos por meio de sorteio as palavras em língua portuguesa, e a partir disso os alunos tinham que dramatizar (mesmo os que já sabiam os sinais) as profissões para que os outros alunos em plateia pudessem entender o sinal, e lembrando que os mesmos tinham que fazer a datilologia⁹ corresponde a essas sinalizações.

À vista disso, nossa observação percebeu como acontece o processo de ensino e aprendizagem de Libras pelos alunos ouvintes, e averiguamos que é um processo de incorporação da língua, que esta está envolta em diversos outros mecanismos, como a experiência visual, a tentativa de acerto versus o erro, tentar a comunicação, compreender o que é sinalizado e sinalizar para a compreensão.

5. CONSIDERAÇÕES (SEMI) FINAIS

Percebe-se com o trabalho, que o componente curricular é voltado para a comunicação e percepção visual dos alunos, seus conteúdos mostram-se básicos (e atendem aos seus propósitos) neste momento voltados a problematização de questões de inclusão da pessoa surda e desmistificação da língua de sinais tendo uma abordagem até um pouco linguística.

Reparamos que é um componente curricular deveras requisitado mesmo por alunos de outros cursos além das licenciaturas, tais como engenharia e bacharelado em ciência e tecnologia, sendo um passo significativo na promoção da língua e conseqüentemente menos barreiras comunicacionais para as pessoas surdas em nosso ambiente acadêmico e posteriormente para as nossas salas de aulas.

Isto posto, fica evidente a necessidade de elaboração de diretrizes curriculares para o ensino de Libras na educação básica e no ensino superior principalmente, pois este segundo em sua maioria (no que tange as licenciaturas) volta a lecionar na educação básica, e darmos provimentos para que esta melhore, é imprescindível. Apesar de a Libras ser ensinada numa perspectiva de segunda língua, devemos pensar nas metodologias de ensino que são utilizadas, tendo em vista que o uso das duas línguas irá influenciar nesse processo de aquisição de linguagem.

Portanto, nossas considerações estão longe de serem finais, pois acreditamos que ainda existe a necessidade de pesquisarmos muito mais para descobrirmos como podemos melhorar o

⁸ Metodologia que apenas apresenta equivalentes de uma língua para outra. Ex.: Casa (português) – casa (Libras).

⁹ Soletração de palavras usando o alfabeto manual na língua de sinais.

sistema de ensino que dê oportunidade para todos, e pensar na formação de professores principalmente é fundamental.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002.

DIAS JUNIOR, J. F.; SOUSA, W. P. de A. **LIBRAS III**. Pernambuco: UFPB. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/sistema/app/webroot/docs/letraslibras/Libras_III.pdf. Acesso em 05 Set 2017.

GESSER, A. **Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2**. UFSC: Florianópolis, 2010.

_____. **Learning about hearing people in the land of the deaf: An ethnographic account**. Sign Language Studies. Washington: Gallaudet University Press, 2007.

_____. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais**. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2006.

LEMOS, A. M; CHAVES, E. P. A disciplina de Libras no ensino superior: da proposição à prática de ensino como segunda língua. **Anais de Evento do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Campinas: UNICAMP, 2012.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M. et al. **Exame ProLibras**. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Apostila. Florianópolis: UFSC, 2009.

STOKOE, W.C. **Sign Language Structure**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

TAVARES, I. M.; CARVALHO, T. S. S. **Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais): do texto oficial ao contexto**. 2010. Disponível em: < [http://files.portaldossurdos.webnode.pt/200002512-60e6762d9c/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-O-ENSINO-DE-LIBRAS-\(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS\).pdf](http://files.portaldossurdos.webnode.pt/200002512-60e6762d9c/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-O-ENSINO-DE-LIBRAS-(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS).pdf) > Acesso em 05 Set 2017.

UFERSA. Programa Geral de Disciplina. **Introdução a língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. Disponível em: <http://sistemas.ufersa.edu.br/prograd/admin/#/programa-de-disciplina/id/100150469>. Acesso em 05 Set 2017.